

# *Uma aventura na terra dos sambaquieiros*

*Os primeiros habitantes de Niterói.*



*Daniela Leles  
Fernanda Guimarães  
Elisa Pucu*



Daniela Leles,  
Fernanda Guimarães e Elisa Pucu

Uma aventura na terra  
dos "sambaquieiros",  
os primeiros habitantes de Niterói

Março de 2022

© *copyright* 2022

1ª edição – Março de 2022

Todos os direitos reservados, protegidos pela lei 9.610/98. Nenhuma parte desta edição, nem total nem parcial pode ser utilizada ou reproduzida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem autorização expressa e escrita do autor.

---

Daniela Leles, Fernanda Guimarães e Elisa Pucu / Uma aventura na terra dos “sambaqueiros”, os primeiros habitantes de Niterói/ Niterói, RJ / Autor, 2022 / 100 pág. / 14x20 cm.

ISBN 978-65-00-42314-3 . – LIVRO DIGITAL

Infanto Juvenil . História local 2. I Autor. II Título

CDD:100

**Capa:** Visão Livro (site: [visaolivro.com](http://visaolivro.com))

**Diagramação:** William Barcelos

**Revisora e colaboradora:** Michelle Tizuka

**Revisão:** Lair Apolinário

**Ilustradora:** Leila Guimarães

## Sumário

<i>Prefácio</i> .....	5
<i>Capítulo 1 - O presente de aniversário</i> .....	9
<i>Capítulo 2 - Viagem no Tempo</i> .....	18
<i>Capítulo 3 - Um encontro inesperado</i> .....	22
<i>Capítulo 4 - Ida ao Manguezal</i> .....	28
<i>Capítulo 5 - O café da manhã</i> .....	34
<i>Capítulo 6 - História do ancião</i> .....	41
<i>Capítulo 7 - Um amigo diferente</i> .....	48
<i>Capítulo 8 - As brincadeiras</i> .....	53
<i>Capítulo 9 - Um grande susto</i> .....	64
<i>Capítulo 10 - O festival</i> .....	70
<i>Capítulo 11 - De volta pra casa</i> .....	77
<i>Capítulo 12 - Anos mais tarde</i> .....	88
<i>Esclarecimentos ao leitor</i> .....	94

## *Prefácio*

**Aventura na Terra dos “Sambaquieiros”, os primeiros habitantes de Niterói** além de ser uma bela tradução para crianças da Arqueologia de sambaquis, tema que me dedico desde o início de minha carreira, é, também, uma doce lembrança de minha infância. Nasci em Niterói, brinquei desde cedo na praia de Itaipu. Areia branquinha, águas limpas e muito peixe, muito peixe mesmo. Tatuí, conchinhas e mergulhos inesquecíveis. Minha mãe viveu na serra de Friburgo e para ela sempre foi uma alegria ver e rever o mar.

Olhar o mar era garantia de um dia feliz e ela cedo nos ensinou a nadar, pescar e remar. O fascínio pelas águas sempre foi e continua sendo a minha maior herança e Itaipu foi o meu parque de diversões. Continuo indo à Região Oceânica onde Beto, meu irmão, escolheu para morar. Acompanho com atenção, carinho e respeito às atividades da Biblioteca de Engenho do Mato (BEM). O livro de Daniela, Fernanda e Elisa além de suscitar lembranças infantis, é muito bem-vindo porque traduz o fazer arqueológico para os pequenos e instiga a imaginação dos cientistas de pouca idade.

Sempre é bom ler um livro para crianças, ainda mais se é de aventura, um texto sobre arqueologia e

que trata da ocupação do litoral brasileiro. A faixa litorânea da região sudeste foi colonizada pelos sambaquieiros, um grupo que pescava, plantava e coletava moluscos, e que tinham o curioso hábito de acumular conchas, ossos de animais e vegetais e com esse conjunto de materiais construía montes que os arqueólogos denominam de sambaqui. No Rio de Janeiro essas elevações têm por volta de 7 metros, mas na região sul do Brasil alguns sambaquis ultrapassam 40 metros de altura. Esses sítios arqueológicos são o principal testemunho dos sambaquieiros e esses montículos foram construídos através do acúmulo de conchas e ossos de animais especialmente para receber os mortos. Cada vez que eles perdiam um parente, um amigo ou um companheiro de pescaria eles colocavam o corpo no topo do sambaqui, acendiam fogueiras, colocavam oferendas (comida e objetos) e depois cobriam o cadáver com camadas de conchas e ossos de animais intercaladas com camadas de areias e carvões. Faziam um montículo e com a repetição desse ritual funerário durante centenas de anos eles formaram os sambaquis. Dessa maneira, os pescadores-coletores construíram uma paisagem de respeito aos

antepassados que do topo dos sambaquis controlavam as águas do mar e da lagoa.

Embora os cientistas estudem esse tipo de sítio arqueológico desde o período do Império e o próprio D. Pedro II tenha acompanhado escavações, vários mistérios ainda persistem e o mais intrigante é que ainda não sabemos onde era a casa deles. É bem provável que morassem nas areias no entorno de lagoas ou à beira do mar e o vai-e-vem das águas tenha apagado as marcas que os humanos sempre deixam nos locais de habitação. Pode ser também que associado ao costume de acumular muitas coisas para construir um local especial para os mortos, gostassem de manter suas moradias limpinhas (sem conchas, sem ossos de animais, sem artefatos) e, por esse motivo, produziram testemunhos que se caracterizam por terem baixa visibilidade arqueológica. Talvez o único indício seja uma arrumação das areias que não pode ser explicada pela ação dos ventos e das águas. Mistério que minha geração de arqueólogos deixa para os futuros pesquisadores que de posse de outras estratégias de pesquisa poderão solucionar.

O livro **Aventura na Terra dos "Sambaquieiros"**, os primeiros habitantes de

**Niterói** é muito bem-vindo, texto leve e agradável, vem preencher uma lacuna importante que facilita o melhor entendimento de nossa história. É uma leitura interessante para as crianças porque apresenta de maneira acessível como os pesquisadores, especialmente os arqueólogos, constroem as interpretações científicas. Com uma prosa leve e instigante, coloca questões que a Arqueologia ainda tem dificuldade de responder e de comprovar cientificamente. Trata-se de uma ficção que aborda desafios da Arqueologia Brasileira.

MaDu Gaspar

## Capítulo 1

### ***O presente de aniversário***



Em uma manhã de sol um vento gostoso entrava pela janela, e Ana Luiza se pôs a olhar aquela vista incrível que ela tinha para o mar, e mais ao fundo daquele horizonte lá estava a cidade do Rio de Janeiro, com suas montanhas imponentes, o Pão de Açúcar e o Corcovado.

Ana Luiza morava em Itaipu, Região Oceânica do município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, ela vinha de uma família tradicional de pescadores daquela região. Sua mãe, Joana era sócia de um pequeno restaurante especializado em frutos do mar, a maioria pescado pelo seu próprio pai, João. Sua avó, Teresa é quem cozinhava a maior parte dos pratos servidos no restaurante. Hoje era um dia muito especial, Ana Luiza abriu aquele sorriso, e saiu gritando pela casa:

— Mãe, mãe! A senhora sabe que dia é hoje?

Sua mãe lhe retribuiu com outro sorriso e disse:

— Como eu poderia esquecer minha filha, hoje você faz 10 anos e tenho um presente especial para te dar.

Então sua mãe tirou de uma caixinha de madeira muito antiga, já desgastada pelo tempo, e que estava na parte mais alta de um guarda-roupa, era um cordão com um pingente! Assim que Ana Luiza pegou o presente em suas mãos, ficou olhando-o atentamente, passando os dedos sobre o pingente, e o seu desenho era tão familiar... ela já havia visto algo igual em algum lugar! Mas aonde?

— Mãe, que lindo! Muito obrigada!

— Minha filha, esse cordão é uma herança de família que passa de geração em geração, por isso é tão especial.

— Mãe, me conta a história da nossa família? Quero saber mais sobre como surgiu esse colar!

— Ah, minha filha... infelizmente não sabemos muito sobre as nossas origens, tem uma história que sua avó conta que diz que somos descendentes dos primeiros niteroienses. Ela diz que sua bisavó contou para ela, e por sua vez sua bisavó soube pela sua tataravó... Porém, acho que sua avó exagerou um pouco nisso tudo. Mas uma coisa é certa minha filha, esse colar é bem antigo, do tempo da sua tataravó, pelo menos. Tenho certeza de que ele já passou por muitas aventuras e guarda muitas histórias.

— Sério, mãe? Que máximo! Vou cuidar muito bem dele! E depois vou passar lá na vovó para saber mais sobre esse colar. Quem sabe ela não me dá mais detalhes? Mas o estranho é que parece que eu já o vi antes...

— Ah menina, você e esses seus pressentimentos!

Ana Luiza ficou tão radiante com o presente, que quase se esqueceu que tinha combinado com os amigos de ir à BEM como é carinhosamente chamada a

Biblioteca do Engenho do Mato, localizada no bairro do Engenho do Mato, também na Região Oceânica de Niterói. Ana Luiza amava a biblioteca, adorava ler, passava horas e horas lá, e hoje tinha um motivo especial era seu aniversário e gostaria de mostrar o cordão que ganhou para os amigos. Ana Luiza pegou o ônibus 38A quase em frente ao Museu de Arqueologia de Itaipu, o MAI, e seguiu para a BEM. Após meia hora chegou ao seu destino, e antes que entrasse na biblioteca avistou os amigos.

— *Pedro, Cecília, olha só o que eu ganhei de aniversário!*

— *Que lindo Analu,* disse Cecília. Seus amigos carinhosamente a chamavam de Analu.

— *Interessante, mas de que material é feito?* disse Pedro.

— *Pois é Pedro, eu já vi algo semelhante, mas não consigo me lembrar de onde,* respondeu Analu.

Já dentro da biblioteca, eles avistaram o professor de Ciências, Marcelo. Analu, Cecília e Pedro, estudavam no CIEPE 448 Rui Frazão Soares, que ficava ao lado da BEM, eles estavam no 5º ano do Ensino Fundamental.

— *Olá, professor Marcelo!*

*—Olá meus alunos, me ajudem aqui com essa cadeira de rodas, por favor.*

Professor Marcelo, era adorado pelos alunos, e um exemplo de garra e determinação, ele nasceu com uma doença genética e não tinha o movimento das pernas.

*— O que fazem por aqui?*

Antes que dessem uma resposta algo chamou a atenção de Analu, que era curiosa que só ela! O professor segurava nas mãos um livro, "A origem das espécies" do autor Charles Darwin.

*— Professor, esse livro fala sobre o que?*

*— Ana Luiza, isso é uma longa história! Mas esse livro mudou o que a humanidade sabia sobre a evolução da vida na Terra, como surgiram as espécies de animais, como podem ter se espalhado pelo planeta... Darwin foi o que no passado chamavam de Naturalista, antigamente não existia a profissão de Biólogo, Historiador, Cientista, Geólogo e Darwin foi um pouco de tudo isso, tinha uma mente brilhante! Alguns dizem que outro pesquisador também chegou a conclusões semelhantes, mas não foi reconhecido no seu tempo, mas isso já é outra história. E sabem o que é ainda mais legal, Charles Darwin começou a traçar essa*

*Teoria sobre a evolução das espécies a bordo de um navio, o "Beagle", ele passou por vários lugares onde pode observar atentamente as espécies de animais e seu comportamento, incluindo o Brasil. Ele esteve no nosso Estado no ano de 1832, e passou por onde hoje se localiza o Parque Estadual da Serra da Tiririca. Quem sabe parte do que ele observou aqui na nossa região também não o ajudou a escrever esse livro que estou segurando.*

Os olhos de Ana Luiza, Cecília, e Pedro brilhavam enquanto o professor falava.

— *Professor, eu já fiz uma trilha com meu pai nesse Parque, e o nome da trilha era "Caminhos de Darwin", será que é da mesma pessoa que estamos falando?* Questionou Pedro.

— *Com certeza, o caminho recebeu esse nome justamente por isso, foi um dos locais pelo qual Charles Darwin passou em nossa região, vale a pena esse passeio, que faz parte do roteiro turístico na nossa região. Também recomendo para vocês verem o filme "Quem foi que disse: sobre a causa sagrada de Darwin" uma produção do LABACIÊNCIAS da Universidade Federal Fluminense.*

No meio dessa conversa, Analu colocou a mão no cordão e de repente lembrou de onde tinha visto outro igual.

—*Pedro, Cecília, já sei onde vi esse cordão. Tchau, professor!* E então saiu correndo, sem dar nenhuma explicação!

Os amigos pediram desculpas ao professor e saíram atrás de Analu, conseguiram alcançá-la a tempo e subiram os três no ônibus de volta a Itaipu. Ainda dentro do ônibus lotado, os três estavam em pé...e Analu disse:

—*Sabe onde eu vi esse cordão, na verdade esse pingente, no meu local preferido aqui da Região Oceânica...*

Pedro deu uma risadinha, e disse:

—*Ah já sei! Sua mãe deve ter comprado na praia, e você já viu alguém vendendo um colar igual!*

Analu deu aquele olhar raivoso para Pedro, e disse:

—*Não né, eu vi no MAI, no Museu de Arqueologia de Itaipu, parece que nem me conhece!*

Chegando nas proximidades do Museu, Ana Luiza avistou aquelas "ruínas" onde antigamente funcionou o "Recolhimento de Santa Teresa" nos séculos XVIII e XIX, eram abrigadas na época mulheres excluídas da

sociedade ou em situação vulnerável. Naquele lugar quase místico, o coração de Analu batia mais forte toda vez que ela se aproximava, porque ela sempre pensava quantas histórias estavam por trás daquelas pedras. Ana Luiza já era conhecida do pessoal do Museu! Assim que Jonas, o segurança, a avistou logo disparou:

—*Analu, você aqui de novo, já está tarde o Museu já vai fechar!*

—*Por favor, por favor, só um pouquinho Jonas, preciso entrar aí rapidinho, só para verificar uma coisa, é muito importante!*

—*Está bem Analu, mas tem que ser rapidinho mesmo!*

Analu entrou na exposição permanente, dentro da Capela do antigo Recolhimento, na qual várias peças estavam expostas, separadas dos visitantes por um vidro. Assim que bateu o olho em uma das peças, percebeu que era idêntica ao seu pingente. O cordão começou a esquentar em volta de seu pescoço e o pingente começou a brilhar intensamente, assim como aquele que estava na exposição e um clarão entrou em seus olhos como se fosse um raio, e Analu caiu no chão do Museu!

Jonas correu para socorrê-la e pediu ajuda em seu rádio. Enquanto isso, Cecília e Pedro chegaram perto de Analu e viram que ela estava desmaiada. Começaram a gritar desesperados:

—*Analu, acorda! Socorro! Precisamos de ajuda! Analu desmaiou! Mas seus pedidos não tiveram efeito, porque ela parecia ter caído em um sono profundo...*

## Capítulo 2

### Viagem no Tempo



De repente, Analu acorda. Ela sente uma dor na sua cabeça e não parece que está deitada no chão do museu, na verdade ela sente que está deitada em algo úmido. Ela abre seus olhos e vê formigas andando em seus braços! Se levanta rapidamente, tira as formigas e começa a chamar por seus amigos:

—*Cadê todo mundo? Pedro, Cecília! Onde estão vocês?*  
sem resposta.

Ainda sem entender o que aconteceu, ela olha ao redor, mas estranhamente não está dentro da exposição permanente do Museu, nem sequer vê as ruínas de pedra do Recolhimento de Santa Teresa. Ela olha a sua volta, e não vê ruas, não vê construções, parece estar em outro lugar, talvez uma mata?

—*Calma, calma... respira! Fecha o olho e abre novamente, Ana Luiza falava para si mesma... isso é um sonho! Você está dormindo....*

Ela abriu os olhos e permanecia no mesmo lugar. Mas, se era um sonho, por que ela sentia o cheiro da mata e ouvia barulho de animais? Cadê todo aquele barulho de carros, ônibus, gente pela rua...

— *Isso não é real...*

Já não funcionava mais, Analu deu uns beliscões em si mesma, e uns tapinhas em seu rosto.... E nada mudou!

Mas ao olhar ao redor, algo lhe chamou a atenção, ela ainda via o mar, mas parecia mais distante, ela via uma enorme faixa de areia ... E via as montanhas do Rio de Janeiro, tal qual como a paisagem que viu hoje de manhã da janela da sua casa. Mas, ela não

conseguia ver as construções, onde estava a cidade do Rio de Janeiro ? Que matagal todo era aquele atrás dela? Será que tinham animais selvagens ali? Ela ouvia barulhos de pássaros, macacos... e, será que tinha ouvido um rugido também?

— *Ah, impossível! Estamos em Niterói, não existem animais selvagens por aqui, só mais adentro do Parque da Serra da Tiririca, mas estou longe dele!*

Ela tentou convencer a si mesma... E decidiu andar um pouco para explorar a região e tentar sair dali e voltar para casa. Mas, algo a intrigava, se ela estava perto do Museu, como poderia não ver a Duna grande, ou melhor via, mas estava menor, e via uma outra Duna que ela não conhecia!

— *Ué, Duna Grande parece tão pequena... será que é ela mesma? E aquela outra, nunca vi. Que estranho...*

E olhando no horizonte ela via outras montanhas, que hoje ela não vê em Niterói. O que seriam elas então? Isso estava confundindo tanta a cabeça de Analu que ela optou por ir em direção aquela extensa faixa de areia, pois tinham algo de familiar com as praias de Itaipu e Camboinhas. Viu vários pássaros, como nunca havia visto antes. A cor da água límpida... cristalina. E a areia? Analu estava chocada, pois nunca

tinha visto uma praia tão limpa como essa! E ela ficou pensando:

— *Poxa, será que estou em um universo paralelo? O que está acontecendo? Que Niterói é essa?*

Depois de andar e explorar um pouco o local, ela decidiu se sentar perto de uma árvore, um Araçá, carregado de frutos. Começou a comer e depois, de barriga cheia, acabou pegando no sono..., mas depois de um tempo, começou a ouvir uns grunhidos estranhos.

— *Xi, será que é a minha barriga? Comi frutos demais...* Mas, quando olhou para cima, viu aquele bicho imenso em cima de um galho! Parecia uma onça, mas uma onça pequena... talvez uma jaguatirica? Mas era diferente!

Analu deu um pulo, seu coração parecia que ia sair pela boca, e o gato-do-mato pulou na frente dela, rosnando. O rosnado parecia um trovão! Ela não sabia o que fazer. Já havia visto documentários de animais na televisão que falam que não se deve correr quando o animal vai te atacar, mas também não se pode ficar parado. Fingir de morta, nem pensar! Ela foi andando para trás, bem devagar, mas o gato-do-mato estava rosnando muito, e Analu viu que ia atacá-la!

## Capítulo 3

### Um encontro inesperado



Atrás do gato-do-mato apareceu um homem com uma lança e afugentou o bicho. Analu estava tremendo que nem vara-verde, e atrás do homem apareceram três crianças.

—*Você está bem?* Perguntou o homem.

*—Calma, menina. Era só um maracaia. Ele só ataca se sentir ameaçado... e você estava bem no território dele.*

Analu não sabia nem o que dizer. Ficou olhando para eles, e só agora pode perceber que eles usavam umas roupas bem estranhas, pareciam de banho, mas nada modernas! E eles a mesma coisa olhavam para Analu, e não compreendiam por que aquela menina estava vestida assim. Eles nunca tinham visto roupas parecidas com aquelas!

*—O que será que isso queria dizer? Isto tudo só poderia ser obra do Pedro e da Cecília! Só pode! Pensou Analu. Será que os amigos dela estavam pregando uma peça de aniversário?*

*—Ah, já sei! Vocês foram contratados para animar minha festa, não foi? Pedro, Cecília e Jonas, podem sair do esconderijo! Já descobri toda a farsa! E olha que esta festa deve ter saído bem cara! Disse Analu.*

Mas ninguém apareceu... o adulto ficou olhando para ela sem entender bem o que estava acontecendo e decidiu se apresentar.

*—Meu nome é Raoni, esses são meus filhos, Kauane, a mais nova, Tainara, minha filha do meio, e Toriba, o*

*mais velho... moramos aqui perto, você está sozinha por aqui?*

Analu ainda meio desconfiada, mas não viu mal em se apresentar, afinal aquele homem acabara de salvar sua vida, ao que tudo indicava!

*—Oi Raoni, me chamo Ana Luiza, mas todos me chamam de Analu. Eu estou me sentindo muito perdida. Onde estamos? Onde está o Museu?*

*—Oi Analu aqui não tem nada com este nome, aliás, o que é um Museu? Estamos no território da nossa aldeia, a 100 passos de distância. Onde está a sua família?*

Ela começou a ter vontade de chorar. Estava se sentindo sozinha, com pessoas que não conhecia e em um lugar que lhe trazia uma lembrança familiar, mas não era a sua casa. Não sabia o que fazer... talvez aquilo não fosse uma festa de aniversário surpresa planejada pelos amigos e família...

*—Não sei onde está a minha família e amigos...estou me sentindo tão sozinha. Esse lugar está muito diferente da minha casa!*

*—Analu, não se preocupe, está tudo bem, nós vamos te ajudar a descobrir o que aconteceu. Mas, por que você*

*está usando um colar igual ao do nosso povo? Onde você o conseguiu?*

*—Nossa, é mesmo! Os nossos colares são idênticos!*

Estranhamente os colares de todos eles começaram a brilhar ao mesmo tempo! Raoni e as crianças estavam achando aquilo um pouco esquisito, nunca viram o colar brilhar daquela forma. Ele então a convidou para conhecer o seu povoado, colocou Kauane nas costas, e os cinco foram caminhando até lá. Assim que chegaram, Raoni a apresentou ao ancião e mostrou os colares brilhando. O colar do Ancião também começou a brilhar na mesma hora e foi aí que ele compreendeu o que estava acontecendo e explicou que o colar de Analu era especial, mostrava que eles tinham uma forte ligação, e então as coisas começaram a clarear na cabeça de Analu. Ela não estava em seu tempo, mas sim nas "Terras dos Sambaquieiros", e mais, ao que parece eles eram seus ancestrais! E Raoni, ainda muito confuso, sabia que havia algum laço entre ele e aquela menina vinda de algum lugar distante, sua intuição dizia que ela era um deles. Todos eles se abraçaram emocionados, e ainda sem entender o que os separava, conseguiam compreender um ao outro e sentiam uma forte ligação.

Passado esse grande susto, Analu não podia acreditar, ela não cabia em si de felicidade, tudo que ela viu e ouviu no MAI estava ali diante de seus olhos, ela podia agora "viver" tudo aquilo! Mesmo se tudo isso fosse um grande sonho, era o melhor sonho da vida dela!

Já era noite, e muitos estavam dormindo, por isso não deu tempo de apresentá-la a todos naquele momento, mas tal como Raoni, os que estavam acordados sentiram a forte ligação que os unia. Uma pessoa em especial chamou a atenção de Analu: Kaique, um menino que aparentava ter a mesma idade dela. Todos pareciam muito animados ali, Kaique lhe explicou os motivos.

*—Estamos nos preparando para um grande festival, em agradecimento pela boa pesca deste ano.*

Antes que Kaique terminasse de falar, veio à mente de Analu "A marejada", um evento que ocorre em Itaipu, promovido pela "Associação Livre dos Pescadores e Amigos da Praia de Itaipu" do qual seu pai era membro, o evento tem como objetivo valorizar a cultura tradicional da comunidade de pescadores. Veio aos pensamentos de Analu, as barraquinhas de comida, a

música, as competições dos barqueiros, as rodas de conversa, e tanta gente querida...

—*Analu, Analu, está me ouvindo?* Foi então que Analu voltou a si, e continuou a ouvir atentamente o que Kaique dizia:

—*O prato principal será peixe, mas precisamos de caranguejos também, é o prato preferido de muitos aqui. Ainda temos que ir buscá-los, quer ir comigo, minha prima Tainara e com meu tio Raoni? Mas teremos que sair bem cedo, antes do sol raiar, nem dará tempo do tio Raoni apresentá-la aos outros.*

—*Sim, eu adoraria!*

## Capítulo 4

### ***Ida ao Manguezal***



Os caranguejos ficam em manguezais, eles levariam metade de um dia para chegar e provavelmente teriam que dormir por lá mesmo, e assim Analu, Kaique, Raoni, e Tainara antes do raiar do dia partiram rumo ao manguezal. Cada um levou uma bolsa feita de raízes, uma cabaça com água, e uma lança, afinal nunca se sabe o que vão encontrar! A lança

de Analu, Tainara e Kaique eram pequenas e a de Raoni era bem grande e afiada.

Analu percebeu alguma familiaridade com o "Caminho do Camboatá", mas não via mais o canal que liga as Lagoas de Itaipu e Piratininga, e agora havia uma mata muito diferente, e tudo isso bem mais distante do mar. Ela já havia feito uma visita ao local na disciplina de Ciências com o professor Marcelo. O professor explicou que os Mangues são berçários para diversas espécies de animais, como peixes, camarões e caranguejos, que são essenciais para preservação da biodiversidade, acabam se tornando o lar para diversas outras espécies de animais, além de produzirem detritos orgânicos que contribuem para atividade pesqueira. Por isso é tão importante sua preservação.

*—Quantas aves tem por aqui Kaique, que "cantoria" mais gostosa, de onde vim já não vemos tantas aves assim!*

*—Se você parar para ouvir, conseguimos distinguir pelo menos o som de umas quatro aves: Saracura-três-potes, a Saíra-sapucaia, Casaca-de-couro-da-lama, que parece gritar e por último, o meu preferido: o Coleirinho com seu lindo canto. E outra coisa, Analu, você ainda verá por aqui muitas outras espécies de*

*plantas e animais. Aqui nós vivemos em harmonia com a natureza e os animais, eles são o nosso sustento, e só caçamos e coletamos aquilo que vamos comer. Agora chega de conversa que temos muito trabalho a fazer.*

*—Kaique e Tainara, vocês eu já sei que sabem coletar os caranguejos, mas vamos ensinar a Analu.*

Analu percebeu que os caranguejos que habitavam o local eram das mesmas espécies que aqueles que o professor Marcelo havia mostrado no passeio da escola. Raoni e Kaique preferiam os maiores, chamados de Guaiamum, que eram os caranguejos azuis. Também tinha os Aratus, e os Uça. Kaique quando viu Analu segurando um Guaiamum, gritou:

*—Cuidado Analu! A pinça dele é muito forte!*

Analu, um pouco descuidada, não percebeu que estava segurando o Guaiamum de forma errada e quando viu, a pinça dele pegou em seu dedo!

*—Ai, ai, ai! Meu dedo!*

*—Calma, deixa eu te ajudar! Kaique conseguiu soltar o dedo de Analu segurando a pinça do caranguejo.*

*—Nossa, que dor. Meu dedo está vermelho!*

*—Tainara, vai chamar o seu pai, isso já aconteceu comigo diversas vezes, mas o tio Raoni sabe fazer um curativo com plantas que vão fazer sarar rapidinho.*

— *Oi crianças, o que aconteceu com esse dedo, Analu?*

— *Tio Raoni, o Guaiamum acabou prendendo o dedo dela...*

— *Vou fazer um curativo. Raoni pegou algumas plantas ali por perto as amassou com um pouco da água salmourada do mangue. Ele enrolou no dedo de Analu e prendeu com um pedacinho de cipó. Analu imediatamente sentiu um alívio no dedo e ficou impressionada!*

— *Estou me sentindo bem melhor. Deu um alívio muito grande! Que planta é essa Raoni? Tem um cheirinho aqui que me parece familiar... perguntou Analu.*

— *Analú, é preciso muito conhecimento para escolher as plantas certas, por isso deve ser feito só pelos adultos! Tem diversas plantas, mas uma delas a gente chama de erva cidreira. Deve ser dela que você está sentindo o cheiro, é realmente muito agradável, né?*

— *Sabia! Disse Analu orgulhosa de si mesma. Minha família utiliza essa planta para fazer uma bebida, chamada de chá.*

— *A grande maioria das plantas possuem diversas utilidades, mas é preciso cuidado e muito conhecimento para usá-las da forma correta. Agora vamos deixar esse assunto para lá e voltar ao trabalho.*

Em meio a tanto trabalho, também não faltou diversão:

— *Ai! o que foi isso?* gritou Analu, que quando olha para trás vê Kaique e Tainara com bolas de lama em suas mãos, eis que começaram uma "batalha de lama" que sobrou até para o tio Raoni.

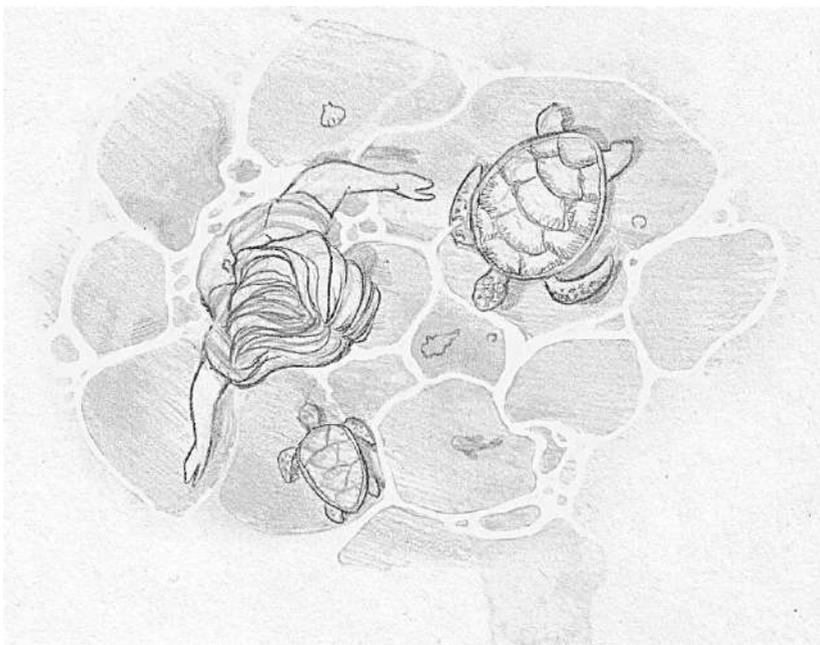
Ao fim do dia, todos estavam esgotados, alguns arranhões pelas mãos e braços, mas suas bolsas feitas com raízes estavam cheias de caranguejos. Analu nem sentia mais o dedo doendo, e quando tirou o curativo parecia que nada havia acontecido.

Kaique, Analu e Tainara começaram a juntar raízes secas e pedaços de madeira e Raoni começou a fazer uma fogueira, juntando duas pedras. Depois de um tempo, o fogo começou a estalar e era hora de cozinhar os caranguejos. Eles penduraram os caranguejos em um cipó por cima da fogueira, onde foram cozidos. Em menos de cinco minutos estavam prontos, já não era sem tempo, a barriga de todos já estava roncando! Quando ela experimentou a comida, parecia que nunca havia provado nada tão gostoso! Depois dela, Raoni, Tainara e Kaique se empanturraram de caranguejos, já era hora de dormir... o sol já havia se posto havia um tempo e todos já estavam com muito

sono. Estenderam esteiras no chão, o cansaço era tanto que dormiram quase que imediatamente. E antes que o sol nascesse, já estavam todos de pé e prontos para voltar.

## Capítulo 5

### ***O café da manhã***



Analu, Kaique, Tainara e Raoni arrumaram as coisas, pegaram as bolsas com os caranguejos, aqueles que sobraram após toda aquela comilança, e começaram a voltar para encontrar com os demais. Kaique falou com seu tio:

—Tio, vamos pegar o caminho da praia?

—Tudo bem Kaique, mas se reclamarem que demoramos muito vou dizer que a culpa foi sua. E começou a rir, com a sua risada rouca.

Analú já estava um pouco cansada de andar. Queria chegar logo e comer alguma coisa. Nunca saía de casa sem tomar o seu café da manhã. Não queria pegar o caminho mais longo, mas Kaique disse que valeria a pena então decidiu não falar nada. Só o seu estômago que denunciava a sua fome: não parava de roncar!

No meio da trilha, o caminho começou a se abrir e Analú percebeu que o chão começou a ficar misturado com areia. Kaique disparou a correr muito animado e sinalizou:

—Analú, olha que legal! Vamos brincar na água!

Analú chegou na parte aberta da praia e reconheceu Itaipu, mas nunca a tinha visto tão bonita! Olhou para a água e viu muitos peixes de diversos tamanhos.

Kaique entrou no mar e ficou mergulhando, e Analú foi logo atrás dele para mergulhar naquela água tão convidativa, até esqueceu da fome. Enquanto isso, Raoni e Tainara ficaram pegando um sol gostoso e

juntando alguns pedaços de madeira que já estavam por ali.

Depois de um tempo na água, os dois ficaram um pouco cansados. O mar estava calmo, e Analu começou a observar ao seu redor e se espantou, pois viu diversas tartarugas nadando junto dela! De repente, Kaique começou a nadar de volta para a praia, saiu da água, pegou uma lança, mas que parecia mais com um arpão, e falou para Analu:

*—Agora vamos tomar nosso café da manhã!*

Ele mergulhou na água novamente e começou a pescar os peixes usando seu arpão. Pegou dois peixes de tamanho grande e Analu reconheceu como sendo o peixe-espada!

*—Só falta pegar mais um, disse Kaique*

Analu não perdeu tempo. Também sabia pescar, já havia acompanhado o pai em diversas pescarias. Pegou o arpão emprestado de Kaique e, pimba! Conseguiu pescar o último peixe-espada!

*—Caramba, Analu! Você é ótima pescadora! Na próxima pescaria quero ver você testar o nosso anzol!*

*—Meu pai é pescador, Kaique, eu o acompanho nas pescarias desde bem pequena, mas nunca pesquei com uma lança antes. É muito divertido!*

Analu observou que o arpão tinha pontas de lança, ela já havia visto algo com alguma semelhança no MAI, mas não tão bem acabadas. E ficou pensando como que eles pescavam tubarão somente usando um arpão.

*—Que legal, Analu você é uma pescadora também, e você já coletou moluscos? Aqui nessa praia tem um molusco chamado berbigão, é muito fácil de pegar e é delicioso.*

Então Kaique pegou um punhado de areia do fundo, e quando a água carregou a areia, Analu conseguiu ver duas conchinhas, uma colada na outra. Então ele explicou que dentro dessas conchas estava a parte comestível. Coletaram alguns e retornaram então para areia.

Quando trouxeram os peixes e as conchas para a areia, Raoni já havia feito uma pequena fogueira para assar os peixes. Também havia pegado algumas plantas da restinga que foram usadas para o tempero. Analu ficou impressionada que a comida ficou uma delícia e parecia que tinham colocado sal para temperá-lo.

*—Tio Raoni, que delícia essa comida. É tão difícil encontrar peixe-espada tão próximo da costa. Normalmente meu pai fica o dia inteiro para conseguir*

*pescar uma boa quantidade para o nosso restaurante. E esse molusco? Nunca nem tinha visto. No nosso tempo os animais estão desaparecendo... não vemos mais com tanta frequência tartarugas, pássaros, e outros animais que vemos aqui. Fico muito triste de ver como as coisas mudaram.*

*—É, minha filha. Na nossa terra nós somos e vivemos junto com a natureza. Respeitamos cada animal que caçamos e que encontramos. Cada um tem um papel importante na vida. É muito triste saber que isso irá acontecer.*

*—Mas não tem o que fazer, Analu? Não tem como você falar com a sua comunidade para tentar ajudar esses animais que estão desaparecendo?* perguntou Kaique.

*—É muito difícil, disse Analu. Somos muitos e estamos espalhados na Terra inteira. Sou uma só e não sei nem por onde começar.*

*—Talvez você possa começar na sua própria aldeia, com seus pais, avós, tios... As crianças têm muita sabedoria e são elas que irão cuidar do nosso futuro, disse Raoni.*

*—É, alguma coisa tem mesmo que ser feita, pois essa destruição não tem como continuar. Minha família vive do mar, aprendi desde sempre que é preciso respeito e cuidado pela natureza, mas nem todos pensam assim.*

*Existem algumas pessoas que passam a vida lutando contra a devastação da natureza, e eles têm conseguido melhorar algumas coisas, mas ainda há muito a fazer!*

Analu ficou pensando um pouco sobre isso, como que a natureza ao redor da casa dela estava devastada e que os animais estavam desaparecendo. Em um dia ela viu mais animais soltos do que havia visto em toda sua vida! Só havia visto animais assim em zoológicos. Mas o que ela poderia fazer a respeito? As soluções ainda estavam confusas em sua mente, mas estava determinada e esperançosa a mudar o futuro.

Kaique, Raoni, Tainara e Analu terminaram de comer os peixes e os moluscos assados, arrumaram suas coisas e começaram a andar de volta para a aldeia. Tainara apontou para o céu e mostrou *olha papai*, quando Raoni olhou para o céu e viu a posição do sol, ficou preocupado!

*—Meninos estamos muito atrasados, vamos ter que encurtar o caminho e ir pela Lagoa!*

Logo veio à mente de Analu a "Lagoa de Itaipu", mas se aproximando dela reparou algo diferente: não havia nenhum canal. Então perguntou:

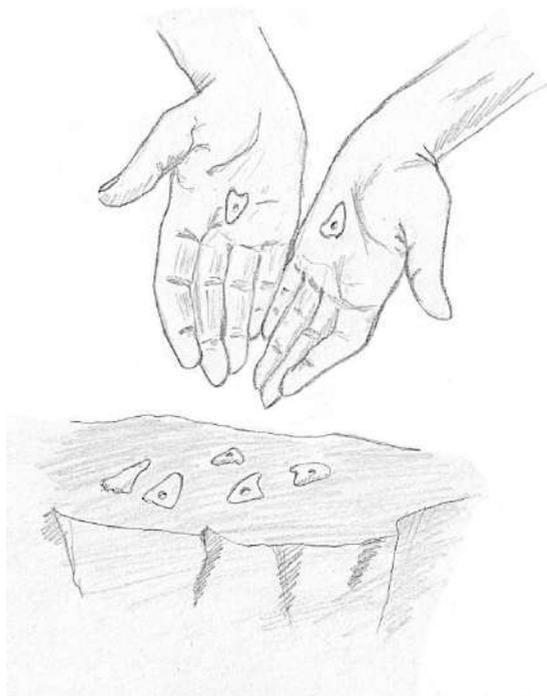
*—Não há nenhum canal que ligue a lagoa ao mar?*

*—Em períodos de muita chuva fazemos um caminho para que o excesso de água vá para o mar e não comprometa a região.*

*Chegando na lagoa, já havia uma jangada para travessia. A lagoa parecia tão maior, e havia diversos peixes por ali. Analu já não via mais tantos peixes assim na “Lagoa de Itaipu” dos dias de hoje!*

## Capítulo 6

### *História do ancião*



O sol já estava a pino e o pessoal da aldeia estava pronto para recebê-los. Analu ainda não tinha tido oportunidade de observar aquele local, pois quando chegou no primeiro dia estava a noite, e saiu para o manguezal ainda de madrugada. Mas, agora olhando ao

redor, parecia estar em Camboinhas, mas antes que pudesse aproveitar um pouco mais aquela linda paisagem...

—Nossa, como vocês demoraram! Falou a esposa de Raoni, Yara.

— Ah querida, as crianças queriam tomar seu café da manhã na praia e Kaique mostrou a praia para Analu..., ainda tentei encurtar o caminho pela lagoa quando percebi o adiantado da hora, mas Analu ficou tão maravilhada com a lagoa, que ainda demoramos mais um pouco, disse Raoni.

— Então você que é a famosa Analu! Meu nome é Yara, sou a esposa de Raoni, essa é minha filha mais nova Kauane, mas você já a conheceu ontem. Minha nossa, como você se parece com a minha irmã quando era pequena, se espantou Yara. Se quiser vir comigo Analu, você vem também Tainara, vamos começar a preparar a comida para o nosso festival de hoje à noite. O que você acha Analu? Posso te apresentar para os outros da aldeia. Todos nós fazemos uma parte nesse festival, além das nossas tarefas do dia a dia!

—Claro que gostaria! Quero participar o máximo possível!

Analu se despediu de Kaique e Raoni, que tinham outros afazeres e se juntou a Yara, Tainara e Kauane, e foram levando as bolsas cheias de caranguejos vivos. Elas se juntaram a um grupo grande formado por crianças e adultos. Alguns estavam começando a preparar uma fogueira bem grande, juntando muitos galhos que haviam sido trazidos anteriormente. Um grupo de mulheres mais velhas separou um montão de peixes e entregou-os a Yara, e Analu ficou encarregada de ajudar a preparar os peixes.

*—Analú, você sabe limpar peixes? Perguntou Yara.*

*— Sei sim, Yara! Meu pai é pescador e nossa família tem um restaurante e quem prepara as refeições é a minha avó, e desde que sou pequenininha vivo a ajudá-la.*

*—Ótimo! Não sei o que é um restaurante, mas tenho certeza de que você vai ajudar bastante. Então você e Tainara vão limpando os peixes: tirando as escamas, a barrigada e as espinhas. E enquanto isso, eu vou cortar a folha da patioba e Kauane vai me ajudar a enrolar em cada um dos peixes usando um pedaço de cipó.*

Analu observou que havia uma diversidade grande de pescados para preparar: conseguiu identificar alguns tipos de moluscos e alguns peixes.

Tinha o peixe-espada que eles haviam comido no café da manhã, robalo, bagre, vermelho, dentre outros. Ela também reconheceu o berbigão, o molusco que Kaique tinha ensinado ela a capturar, mas havia outros tipos semelhantes, no entanto, ela não sabia seus nomes. E lá também tinha tubarão! Analu conhecia como mangona, mas toda vez que seu pai o pescava, o soltava novamente pois está em situação vulnerável. Apesar de ser pescador e viver da pesca, seu pai dizia que para conseguir continuar pescando, os animais deveriam viver em equilíbrio com a natureza. A pesca desenfreada seria prejudicial para a sobrevivência dos animais e, conseqüentemente, da família dela. Seu pai tinha muita preocupação com o futuro da pesca na região, já que a diversidade de peixes diminuía estação após estação.

Além de limpar os peixes, Kauane guardava as espinhas e tirava os dentes do tubarão. Ana ficou curiosa com isso e perguntou:

*—Para que vão servir as espinhas e os dentes?*

*— Nós iremos fazer um colar lindo com eles!*

*—Que legal! Depois eu posso ajudar a fazer também?*

*—Claro que sim, quando terminarmos com os peixes, vamos começar a fazer os colares.*

Depois de limpar os peixes Yara falou para as meninas:

—*Vocês já trabalharam bastante! Agora é hora de brincar!*

As meninas saíram em disparada e Analu foi atrás delas, com as espinhas e os dentes de tubarão. Ela estava impressionada com a organização daquelas pessoas, cada núcleo realizava uma tarefa e todos em prol do bem para a comunidade. Havia um núcleo que chamou a sua atenção, eram várias crianças em volta do ancião com quem havia falado no dia anterior, Analu se aproximou e perguntou:

— *O que o senhor está fazendo?* E ele respondeu:

—*Menina, olhe para o seu colar! É então que Analu percebe:*

—*O senhor está "esculpindo" esse pingente, isso é o máximo! É feito de vértebra de peixe? Sempre quis saber do que era feito!*

—*Sim menina, cada pessoa desse povoado recebe um colar desses quando nasce, é a "identidade do nosso povo", e cada uma dessas crianças terá filhos, netos e quem sabe bisnetos, e passará esses colares para os*

*seus filhos e assim por diante. Elas estão aqui aprendendo o meu ofício, para quando eu não estiver mais aqui.*

Kauane e Tainara se sentaram do lado de Analu e foram separando a espinha dos peixes e os dentes do tubarão. O Ancião deixou então aquela vértebra de lado, e pegou os dentes de tubarão e foi fazendo um furo no meio de cada um dos dentes. Ele começou a juntá-los enquanto contava várias histórias do seu povo, dos grandes feitos dos guerreiros, dos festejos, das caças, dos desafios do dia a dia! E Analu foi percebendo que aquilo era uma verdadeira aula de "história" para aquelas crianças, mas não era qualquer história, era a história do seu povo, que os fazia valorizar quem eram, sua cultura! E ali ela compreendeu o respeito que havia com os mais velhos da aldeia, eram guardiões da memória, eram os professores dos mais novos! Por fim, o Ancião terminou de fazer o colar e o presenteou a Analu, não antes de lhe proporcionar novos ensinamentos sobre aquele colar:

*—Olhe ao redor menina! Analu olhou atentamente!*

—Você vê alguns de nós usando esse colar com os dentes de tubarão?

—Não senhor, só vejo colares como o meu, com a vértebra e um pingente só, mas não com os dentes! Aquela observação intrigou Analu, que logo perguntou, por que?

—O Ancião lhe explicou que aquele colar com dentes de tubarão era muito especial, ele era usado somente em grandes acontecimentos da aldeia, como no Festival!

—Muito obrigada! É muito bonito! Vou usá-lo hoje à noite!

## Capítulo 7

### Um amigo diferente



Kaique aparece na rodinha chamando por Analu:

— *Analu, quer se divertir um pouco na água? Está muito quente!*

Ela observa que Kaique está segurando algo parecido com uma prancha, mas era algo mais rústico parecia ser feito do tronco de uma árvore.

— *Sim, eu quero brincar na água com você!*

Tainara se juntou a eles e seguiram os três para o mar, cada um com sua "tábua-prancha". E foram se aproximando do mar, quando Analu viu aquelas ondas, de fato percebeu que estava mesmo em Camboinhas! Kaique mostrou como usá-la e Analu ficou fascinada! Como assim, o "surfe" já existia há milhares de anos? Ela também percebeu que o formato da "tábua-prancha" parecia ter sido esculpido por eles... e logo falou:

*—Sabe como chamamos esse pedaço de tábua de onde eu vim: "prancha", e isso que estamos fazendo com ela de "Pegar jacaré"! E lhes falou sobre os vários esportes aquáticos que ela conhecia, e que tinha tido a oportunidade de praticar vários deles, com a ajuda da "Associação de Wind surf de Niterói-AWN", a guarderia da associação fica no Núcleo Náutico do PESET, exatamente onde eles estavam ali hoje, na praia de Camboinhas, na Região Oceânica de Niterói. Analu sempre gostou muito de praia e fazia aulas de surfe e aproveitou para mostrar algumas manobras para Kaique e Tainara. Todos se divertiram por horas, pegando aquelas ondas. Mas depois cada um se deitou em sua "prancha" e foi um pouco mais mar adentro,*

onde as ondas não quebravam, e ficaram lá olhando para o céu, com aquele silêncio, e pensando na vida.

De repente, Tainara grita:

*—Olha, olha Kaique, é o Tucuxi!*

Analú sem entender nada, pergunta:

*—Onde? Onde? quem é esse Tucuxi?*

*—É Tucuxi, Analú! É o meu animalzinho de estimação, ele é meu melhor amigo, responde Tainara.*

Analú então vê um golfinho!

*—Jura, Tainara? Seu bichinho de estimação e melhor amigo é um golfinho? Que lindo!*

*—Sim, porque o espanto Analú, onde você mora não tem golfinhos?*

*—Temos sim Tainara, mas vocês vão ficar tristes com algumas coisas que acontecerão no futuro! Muitos homens não têm o mesmo respeito e amor pela natureza que vocês têm, e as más atitudes como a poluição das águas, faz com que tenhamos menos golfinhos chegando próximo à costa.*

Analu, também resolveu lhes contar sobre os animais de estimação mais comuns do "futuro", falou sobre cães, sobre gatos, e deu uma descrição detalhada para Kaique e Tainara, que escutaram atentamente, e disseram que ali tinham animais parecidos, mas não eram tão dóceis como os que Analu descrevera, por isso ficavam na mata, e não tão próximos dos homens. Antes que remassem para faixa de areia, avistaram duas canoas, também feitas com troncos de árvores, e Kaique os cumprimentou. Analu pergunta se Kaique os conhece, pois não se lembrava de te ter visto aqueles homens junto com os outros sambaquieiros.

*—São meus tios, são pescadores da nossa aldeia, saíram de madrugada, foram pescar camarões e peixes que ficam mais mar a dentro, para o Festival.*

*—E aí tios, a pesca foi boa?* perguntou Kaique para aqueles homens.

*—Se foi meu sobrinho, trouxemos mais peixes e também moluscos, como a lambreta para o festival! Conseguimos pescar xaréu, mangona, corvina e sargo-de-dente.*

—Minha nossa, quanto xaréu junto! Vocês conseguiram pegar um cardume todo? Disse Analu

—Sim, menina, estamos no verão e essa é a época de xaréu! Nós usamos como isca os moluscos que ficam na praia, com uma concha bem bonita, e pegamos os peixes com redes feitas com fibras das árvores. Conseguimos trazer eles para a costa e pescar muitos para o nosso festival!

—Tio, essa é a Analu, ela é nossa parente distante e vai participar do nosso festival.

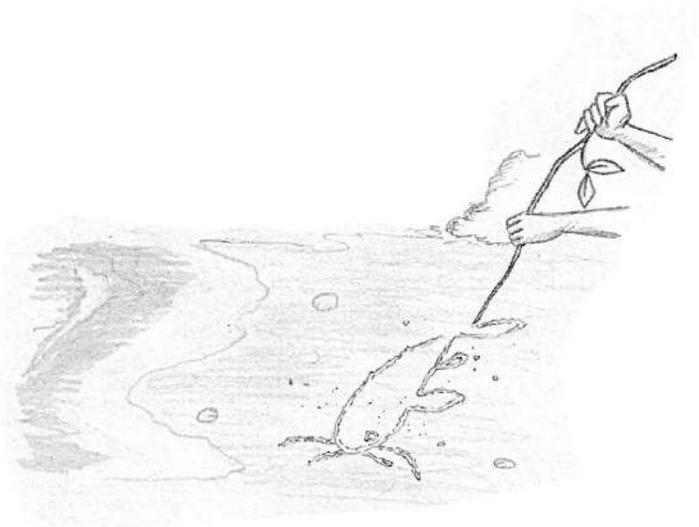
—Seja bem-vinda menina!

—Obrigada!

Eles foram andando de volta ao sambaqui e os tios de Kaique foram contando diversas histórias sobre suas pescarias.

## Capítulo 8

### As brincadeiras



Chegando ao povoado, Analu percebeu uma grande quantidade de crianças espalhadas em diferentes grupos de atividades e pareciam estar se divertindo muito, mas não as tinha visto antes, então perguntou:

—Kaique, quantas crianças! Onde estavam mais cedo?  
O que elas estão fazendo?

*—Analu, é que antes, assim como nós, elas estavam ajudando os adultos nos preparativos para o Festival. Aqui desde cedo aprendemos a trabalhar em equipe. Vem! Vem conhecer nossas brincadeiras!*

Um grupo parecia brincar com uma espécie de bola formada por cipós enrolados sobre si. Kaique apressou o passo em direção ao grupo e disse:

*—Oi gente, essa é a Analu! Ela é do nosso povo, mas é nova aqui, não conhece essa brincadeira. Vamos ensiná-la!*

Então uma menina, deu um passo à frente e disse:

*—Olá! Venha o melhor jeito de aprender é jogando! Nós fizemos isso aqui com lama e plantas, e a ideia da brincadeira é jogarmos um para os outros, mas sem deixar que caia.*

Com o início da brincadeira, Analu percebeu que o princípio era semelhante ao jogo de queimada: não podia encostar na bola e deixar que caísse no chão. Mas era jogada de forma cuidadosa, para que não machucassem uns aos outros. Foi então que Analu comentou:

—Nossa, que legal! Essa brincadeira me lembra a um jogo muito popular de onde eu vim! E lá a gente chama isso aqui de bola, e a brincadeira de queimada. Disse segurando a bola de lama e galhos.

—Que nome mais esquisito! Vocês a colocam no fogo? Por que queimada? perguntou Kaique muito confuso a respeito do nome.

—Não, na verdade não sei de onde surgiu esse nome, mas não envolve fogo. Respondeu Analu em meio à gargalhadas. Olhando ao redor Analu viu outras crianças brincando também com a bola de raízes e lama, mas a brincadeira era diferente, agora parecia um futebol, e outras jogavam a bola com as mãos de um lado para outro por cima de uma espécie de rede, parecendo uma espécie vôlei.

— E eu que pensei que esses eram esportes inventados no século vinte, e começou a rir sem parar!

Mas logo se deu conta que estava jogando uma partida de “queimada” tinha que se concentrar! Em uma das jogadas a bola caiu e rolou para longe, então Analu se prontificou e logo disse:

—Pode deixar, eu vou buscar!

Foi então que reparou num grupo de crianças brincando com "bonecos". Analu levou a bola de volta ao grupo, mas estava curiosa para vê-los mais de perto, se desculpou com as crianças e pediu para sair do jogo.

*—Kaique você pode me acompanhar?*

*—Posso sim Analu, o que você quer fazer?*

*—Quero ver mais de perto os "bonecos" daquelas crianças.*

Chegando mais perto, ela conseguiu identificar que as crianças brincavam com uma espécie de miniaturas, feitas com pedaços de madeira.

*—Ah Ana, esses "bonequinhos" as crianças usam para brincar. Na verdade, nosso povo, durante grandes festivais fazem imagens esculpidas em pedaços de madeira para serem usados nos festivais. Por exemplo, para agradecer a pesca, os adultos produzem miniaturas de peixes. Mas essa é uma função dos adultos, porque usam ferramentas que não nos deixam usar, dizem que é perigoso. E depois do Festival eles presenteadam as crianças com esses "bonecos". Esses*

*que elas estão brincando ganharam em festivais passados.*

*—Nossa, Kaique, que legal! Acho que já vi algumas miniaturas parecidas, não me recordo muito bem aonde.*

*—Mas, agora quer conhecer o meu jogo favorito? Vem ver!*

Foi então que se aproximaram de um grupo de crianças, onde duas estavam jogando, uma delas era o Toriba, a outra ela ainda não havia conhecido, e algumas outras acompanhando de perto. Tinham umas linhas no chão, catorze pequenas rodela de madeira com desenhos iguais e uma peça diferente, tinha um tubarão desenhado. Então Kaique explicou:

*—Veja Analu, esse jogo é sobre uma grande caçada! São 14 pescadores e um grande animal, neste caso é um grande tubarão! É um jogo de estratégia, é incrível!*

*—Nossa, Kaique, que complicado! Muitas linhas, não entendi.*

Disse Analu muito confusa. Como faz catorze peças contra uma?

—Então, catorze pescadores devem cercar o animal para ganhar a partida, e o grande animal, para ganhar, devora os pescadores. É muito emocionante! Esse é o primeiro contato que temos com as estratégias de pesca a tubarões grandes. Um movimento errado pode significar a sua vida ou a refeição de sua família.

—Nossa, pensando por esse lado é realmente muito emocionante! Disse Analu empolgada. Ela percebeu que o jogo lembrava o de Damas misturado um pouco com as estratégias de Xadrez, que ela adorava jogar. O jogador que controlava as peças dos caçadores tinha que cercar o tubarão, porém o jogador que controlava o tubarão poderia comer as peças dos caçadores dependendo de sua posição. No fim, Toriba ganhou a partida! Ele conseguiu cercar o “tubarão”. E todas as crianças começaram a gritar:

—Toriba, Toriba, Toriba!!!

Foi nesse instante que na verdade Analu lembrou as aulas que teve sobre “brincadeiras indígenas”, e se lembrou do jogo chamado “Onça” e percebeu que o princípio do jogo era muito parecido, mas no “Jogo da Onça” os pescadores são os “cachorros” e o tubarão é a “onça”.

Então, Analu e Kaique se aproximaram de outro grupo onde tinham duas crianças jogando. Estavam sentadas uma de frente para a outra com algumas conchinhas. Uma delas, virou duas das conchas, fez uma expressão de desânimo, e então as colocou na posição inicial. Analu se ajoelhou ao lado de uma delas e viu que na parte interna, haviam pequenos risquinhos. Então Analu percebeu e não conteve sua animação:

*—Que legal, Kaique! É como se fosse um jogo da memória!*

*—Como funciona esse jogo da memória, Analu?*

*—O objetivo é bem parecido com esse jogo, Kaique. Nós temos que encontrar os pares iguais, e usamos alguns pedaços chamados de papel ou papelão, e neles são colocadas figuras, desenhos, os com bichos, são os mais comuns. Quem encontrar mais pares iguais ganha o jogo.*

*—Aqui não chamamos assim, mas o princípio é achar os pares de conchas com as mesma quantidade e distribuição dos riscos.*

—*Eu adoro esse jogo também! E Kaique, o que é aquilo?*  
Disse Analu apontando para um grupo de crianças com cabaças na mão. Então Kaique a explicou:

—*Ah sim, elas estão fazendo um instrumento musical para mais tarde! Elas estão colocando pedacinhos de conchas e pequenas pedrinhas, assim conseguimos sons diferentes!*

—*Parece um chocalho! No meu tempo também temos chocalhos, mas são feitos de diversos materiais, e em cada lugar do mundo recebem um nome. Vamos dar uma volta pela aldeia? Sinto que ainda tem muita coisa que eu quero conhecer!*

Analu não parava de pensar de onde vinha tanta criatividade para tantas brincadeiras, que resolveu perguntar para algumas crianças, se eles conheciam outros povos, vindo de outros lugares, se eles trocavam informações. As crianças não sabiam responder com exatidão, mas disseram que o Ancião já ouvira falar de outros povos, e sempre contava a história de um menino aventureiro vindo de outras Terras chamado "Cauê", mas dizia que ele desenhava nas rochas, e brincava de escorregar em esqueletos gigantes. Mas que ali eles não tinham ossos de animais tão grandes assim.

Andando pela aldeia, Analu e Kaique passavam por diversos grupos de pessoas que ainda trabalhavam nos preparativos para o festival de mais tarde. Foi então que percebeu a importância do evento:

*—Nossa Kaique, ainda não está tudo pronto? Esse festival é realmente um acontecimento para aldeia, né?*

*—É sim, e tem algumas partes que ficam sob responsabilidade apenas dos adultos. Quer ver? Kaique então começou a dar passos largos, quase que correndo: Vem Analu, se apresse!*

Então Kaique se aproximou de um grupo formado por alguns homens, estavam sentados no chão formando um círculo.

*—Se lembra quando te disse das imagens esculpidas em madeira? Então... assim que são feitas! São feitos pequenos bonequinhos de animais e algumas "tigelas" em formato animal. São usadas em datas comemorativas como as de hoje.*

Os pensamentos de Analu se voltaram para o festival

*—Nossa, eu estou muito animada com a festa de hoje, Kaique! Deve ser incrível!*

*—Você irá gostar sim! Vamos tomar um banho no mar, daqui a pouco estará tudo pronto para o início do festival.*

Se aproximando do mar, ela viu duas crianças na faixa de areia úmida com um pedaço de graveto e foi ali ver o que estavam fazendo. Foi quando ela observou que elas estavam desenhando!

*—Ei, que desenho é esse que você fez? Perguntou Analu para uma delas:*

*—Eu fiz um peixe!*

*—E você? perguntou para a outra:*

*—Eu desenhei a canoa do papai!*

Analu ficou pensativa, e não conseguiu conter um grande sorriso, pois acabara de solucionar um grande mistério, ela sempre se perguntava, porque havia tantos registros de pinturas rupestres pelo Brasil, e não havia esses registros de "arte" para o povo sambaquieiro, e nesse momento a maré aumentou e levou os desenhos que as crianças acabaram de fazer!

—*Vamos! Vamos tomar banho logo para começarmos a nos preparar para o festival!* Disse Kaique correndo para a água. Analu não ficou para trás, os dois passaram o que pareceu horas na água, entre brincadeiras e muitas gargalhadas.

—*Analú! Kaique! Venham!*

Raoni chamava as crianças da areia e diz: Yara está aprontando as meninas, só faltam vocês!

—*Estamos indo!* Respondeu Kaique.

Então os dois começaram a se dirigir de volta à areia, e enquanto isso Kaique começou a explicar:

—*Tia Yara irá fazer uma pintura corporal na gente! Vai ser muito legal!*

## Capítulo 9

### Um grande susto



A tarde já estava caindo, e todos ali precisavam aproveitar a luz do sol para finalizar os preparativos para o Festival, mas também os afazeres do dia a dia. Eles estavam indo encontrar Yara, Analu estava muito animada com a grande quantidade de novidades.

Parecia que ainda havia muitas coisas para conhecer naquela aldeia! Foi então, antes que conseguissem chegar ao seu destino que Analu observou um outro núcleo de pessoas que chamou sua atenção. Estavam com "ferramentas" que pareciam ser feitas de pedra, ao olhar mais atentamente eram muito parecidas com o material lítico que ela havia visto tantas vezes no MAI. Foi então que parou e perguntou o que eles estavam fazendo.

*—Olá, meu nome é Rudá, tudo bem? Você deve ser a menina nova...*

Disse muito gentilmente, segurando suas ferramentas, sente-se um pouco e observe.

Analu sentou-se e depois de um tempo olhando atentamente o que Rudá estava fazendo, entendeu do que se tratava. Eram "pontas" iguais a do arpão do tio Raoni, mas diferentes de algumas que havia visto no MAI.

*—Já sei! Disse Analu muito feliz!*

*—Vocês estão fazendo ferramentas para pesca e para caça!*

Entre risos, Rudá concordou:

*—Somos um povo que vive da pesca e da caça, precisamos de ferramentas e aprendemos a fazê-las*

*desde cedo. As "pontas" e as facas são feitas com pedras e outros minerais e precisam estar bem amoladas, por isso também usamos esses blocos aqui, para polir e amolar. Mas é preciso muita atenção e cuidado para evitar acidentes.*

*—Nossa, que incrível! Essas pontas são produzidas de alguma pedra específica?*

*—Sim, de maneira geral utilizamos essas pretas que são mais resistentes, mas estas mais claras, quase transparentes, dão um corte muito maior.*

*Basalto e quartzo, pensou Analu em voz alta.*

*—O que você disse Analu?*

*—Nada não Rudá, pode continuar...*

*—Trouxemos essas aqui de outro lugar que morávamos antes... mas é uma longa história, fica para outro dia! O que importa é que com elas conseguimos produzir ferramentas de ótima qualidade, afiadas e resistentes.*

Ela observou que várias pessoas estavam aprontando arranjos e enfeitavam o local para o festival. Havia alguns pequenos amontoados de galhos, que em breve dariam vida às fogueiras espalhadas pelo local. No chão havia grandes esteiras de fibras vegetais, formando algo semelhante a uma grande toalha. Por cima das esteiras havia flores, formando

arranjos lindos! Algumas eram familiares para Analu, ela as conhecia como botão de ouro, manacá, cambuí, muitas delas plantas de restinga. Analu ficou encantada, eram tantas flores, uma mais bonita que outra! Havia também bromélias enfeitando o local, presentes em torno de hastes de madeira presas ao chão. Algumas comidas que já haviam sido preparadas mais cedo também já estavam sendo colocadas na esteira. As comidas eram servidas em grandes tigelas de madeira, mas também em folhas vegetais grandes. Era tudo muito incrível, Analu estava maravilhada.

De repente, Analu escuta um grito, era a mulher de Raoni:

*—A Kauane está colocando "bichos" para fora de novo!*

Analu se aproxima, e observa que são vermes, lombrigas. Ela havia feito um trabalho sobre isso na escola. Ela sabia que os "vermes" eram transmitidos por meio das fezes, quando estas eram descartadas inadequadamente, e podiam contaminar água e alimentos, e quando você não lava as mãos depois de ir ao banheiro ou antes de se alimentar pode ficar doente por causa desses vermes.

— Disse Yara: *Kauane está assim porque demos para ela chá de mastruz. Sempre damos isso para as crianças, pois acreditamos que esses bichos fazem mal e tem que ser colocados para fora. Só não entendemos por que os bichos sempre voltam?*

Analu viu uma oportunidade única de usar seus conhecimentos do futuro, para o bem do seu povo. Ela lhes explicou como aqueles vermes foram parar em Kauane, e a importância de se ter água limpa seja para beber ou para lavar as mãos e os alimentos. Como filtrar a água lhe pareceu um processo mais difícil para usar naquele momento, ela lhes ensinou a sempre ferver a água. Analu também aproveitou e falou da importância de se cozinhar as carnes, incluindo as de peixe, pois eles também têm bichos que podem ser transmitidos para o homem!

Yara ficou tão feliz com o que tinha acabado de aprender e como aquilo ajudaria no bem-estar do seu povo, que quis retribuir:

—*Vamos Analu, vou te ajudar a se arrumar para o festival!*

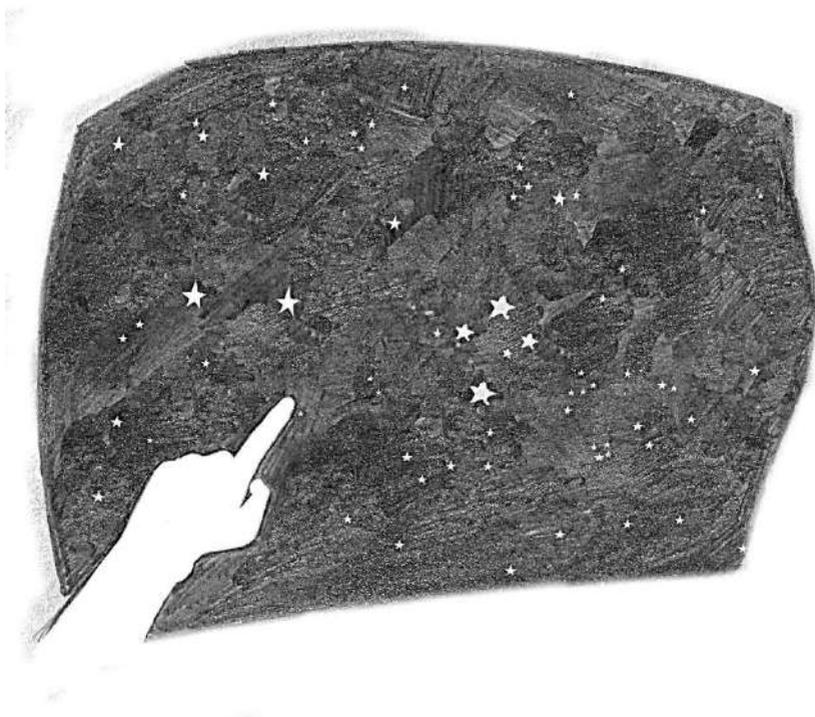
Yara, então começou a arrumar o cabelo de Analu. Trançou o seu cabelo e no final prendeu com um pedacinho de cipó e enfeitou com uma flor de maracujá! Também emprestou um bracelete feito de conchas. No chão estava uma grande pedra com uma depressão que parecia ter sido feita por mãos humanas, Analu se lembrou que viu algumas peças dessas no MAI, era incrível ver como eram usadas na prática. Yara se abaixou e começou a fazer uma mistura com outra pedra, fazendo força sobre a pedra maior com a depressão. Parecia estar triturando alguma coisa, que foi se tornando pastosa e cada vez mais ficando com uma cor alaranjada meio avermelhada, ela colocou em uma folha parte da mistura que parecia ser um corante, e se levantou. Utilizou aquela mistura para fazer pinturas corporais para a cerimônia.

Mas para Analu ainda faltava alguma coisa, e então se lembrou!

*—O colar com dentes de tubarão que ganhei do Ancião!*  
Agora não faltava mais nada, Analu estava pronta!

## Capítulo 10

### O festival



A essa altura a Lua cheia já apontava no céu estrelado que já iluminava aquela noite especial, mas também havia uma grande fogueira no centro, além das outras espalhadas pelo local. Analu observa ao seu redor e todos estão tão felizes! Analu vê Raoni

brincando com Kauane, faz cosquinhas em sua barriga com a cabeça, e ela ri "tão gostoso", depois a coloca nos ombros, e ela do alto observa a todos. Analu, vê tanto amor naquela cena, e tanta semelhança com o seu tempo, e se lembra quando o seu próprio pai brincava com ela assim!

Ela começa a ouvir uma música e se aproxima do grupo que estava fazendo aquele som. Havia diferentes pessoas tocando diferentes instrumentos musicais: umas com os chocalhos parecidos com os que haviam visto as crianças fazendo mais cedo, outros pareciam tocar um tipo de tambor. As pessoas dançando com braceletes e tornozeleiras com conchinhas penduradas faziam sons que ajudavam a compor aquela música tocada por diferentes instrumentos. Tudo parecia se completar de maneira muito harmoniosa.

Logo apareceu o ancião, com seu aspecto muito amistoso, hoje um idoso, mas que outrora havia sido um grande guerreiro. Dirigiu-se para próximo a grande fogueira e começou o seu discurso:

*—Hoje como todos sabem é um dia especial, é o dia em que festejamos o ótimo período que nossa aldeia*

*passou. Porém, diferentemente de outras vezes, temos uma convidada especial*

Então estendeu sua mão para Analu.

*—Esta menina veio de muito longe para nos conhecer, ela faz parte desse povo e espero que tenha aprendido sobre nossos costumes e sua própria história.*

Parte de Analu estava extremamente envergonhada, mas outra estava tão feliz, porque naquele momento soube que realmente fazia parte daquele povo, confirmando o que vinha sentindo. Devido a sua posição ao centro do grupo, Analu pôde olhar com calma as expressões das pessoas ali presentes e todos pareciam muito felizes e amigáveis, ela se sentiu em casa, acolhida e pertencente aquele povo. O ancião prosseguiu com sua fala:

*—Que hoje compartilhem bons momentos, lembrem que tudo o que temos, somos e vivemos é graças a natureza que nos cerca e nos protege, e por isso temos que retribuir da mesma forma, respeitando-a e protegendo-a. E assim como aprendemos com nossos ancestrais, que nossos descendentes contem a nossa*

*história e continuem praticando os nossos ensinamentos!*

Analu percebeu que todos concordavam, entre sorrisos e acenos positivos com a cabeça, ficou claro que esse era o lema que guiava as atitudes daquele povo. Então Kaique se aproximou de Analu e do ancião:

*—Vá minha filha, vá aproveitar o festival com Kaique, disse o ancião.*

*—Analu, vamos comer algo, estou com mais fome que todos os maracaí da floresta, disse Kaique.*

E seguiram para a grande esteira posta no chão que mais cedo Analu havia visto arrumarem, mas agora estava com uma grande variedade de comida, e com a luz da lua e da fogueira as folhas verde-escuro pareciam brilhar, as maiores que Analu já havia visto. Havia ali muita diversidade de peixes, moluscos, caranguejos, frutas e frutos que estavam dentro de cumbucas de madeira. Tudo estava perfeitamente arrumado, todos se serviam e conversavam. Apesar de ser noite, as fogueiras, e o céu iluminava o local muito bem.

*—Nossa Kaique, parece estar delicioso, a cara está ótima!*

Posso pegar um pouco? Disse Analu olhando para uma das opções de comida, um peixe assado que estava com temperos que ela não sabia identificar, mas o cheiro lhe era muito familiar e delicioso.

*—Claro, pode se servir à vontade!* respondeu Kaique

Analu pegou uma pequena porção, utilizando uma das grandes folhas como prato. Ela se sentou ao lado de Kaique que estava sentado no chão, ao redor da grande esteira junto com outros membros da comunidade. E então colocou um pedaço na boca, mastigando percebeu que aquela lembrança a levou de volta para sua família! Para os almoços de domingo, onde todos se reuniam para juntos comerem o "famoso" peixe assado de sua avó. O sabor era igual! Sua avó sempre dizia que era uma receita de família.

*—Nossa Kaique, o sabor é igual ao que minha avó prepara! Como isso é possível?*

Sem pestanejar, Kaique lhe responde:

—É uma receita que é sempre feita, e é passada de geração a geração, talvez sua avó tenha aprendido com os avós dela e assim por diante! Afinal não somos do mesmo povo?

—Sim, claro... Nossa, estou com muitas saudades de casa, da minha família. Apesar de estar me divertindo muito, nunca estive tanto tempo distante.

—Ah Analu, falando em diversão... vem ver uma coisa!

Kaique indo em direção ao mar. Ao chegar na faixa de areia próxima ao mar, distante das fogueiras, ele se sentou e chamou a amiga.

—Sempre que há alguma comemoração na aldeia, e podemos ficar até tarde acordados, eu gosto de vir até a praia. Hoje até as tartarugas vieram, olha!

—Que lindas! E vieram pôr seus ovos? Será que vamos ver os filhotinhos?

—Acho que não, demora um bom tempo para saírem dos ovos.

Eles estavam um pouco cansados do dia tão atarefado e se deitaram na areia seca da praia.

Olhe só! Disse Kaique apontando para o céu!

— São tantas estrelas, está vendo aquelas ali? Formam um peixe!

—Nossa, quantas estrelas! Nunca vi nada parecido!

Seguiram olhando as estrelas, tentando imaginar os desenhos formados.

*—Kaique, eu estou muito feliz por tudo que aprendi aqui. Me sinto em casa, é tudo incrível! Obrigada por todos os ensinamentos, sei que sempre levarei isso comigo.*

Kaique então sorriu gentilmente para amiga, que sorriu de volta para ele... Analu sentiu um arrepio dentro de si e continuaram admirando as estrelas até que adormeceram.

## Capítulo 11

### De volta para casa



Analu abre lentamente os olhos, ainda não percebeu, mas está na sua cama sobre um colchão macio e com lençóis, quando ouve uma voz familiar!

— *Minha filha, Ana Luiza, que bom que você acordou...* sua mãe, emocionada, a abraçou muito forte. *Você está dormindo há mais de um dia, ninguém sabe o que você tem. O Jonas te levou ao hospital, mas como eles não*

*acharam nada de errado com você, nós achamos melhor te trazer para casa.*

Analu estava eufórica, queria contar suas aventuras!!! Mas antes que abrisse a boca para falar qualquer palavra, lhe veio o pensamento.

*— Não, não, vão achar que você enlouqueceu, melhor ficar quieta!*

Analu olhou para seus braços e sua pintura corporal havia sumido e o cordão com dentes de tubarão que o ancião havia lhe presenteado, e o bracelete que Yara emprestou também! Pelo menos o cordão que sua mãe lhe deu continuou com ela. E ela mesma passou a duvidar da experiência: pensou em voz alta:

*—Será que foi um sonho? Melhor eu falar com o pessoal do Museu.*

*— Filha, o que foi? Por que está tão nervosa? O que aconteceu?*

Analu, troca de roupa correndo, mal toma o café que sua mãe preparou e já sai correndo novamente.

*—Ana Luiza o que você está fazendo? Você vai sair agora que acabou de acordar? Nada disso, você vai descansar!*

*—Mãe, eu tenho uma coisa urgente para resolver não posso esperar!*

*—Mas aonde você vai? Não me deixa ainda mais preocupada.*

*—Vou ao Museu mãe, eu volto já.*

*— Essa menina quer me ver doente, só pode...*

Disse a mãe enquanto Analu saía porta afora. Analu saiu correndo em direção ao Museu. Na entrada viu Jonas e enquanto entrava às pressas no museu, gritou para ele:

*—Jonas, Jonas! — Você de novo Analu, não basta o susto do outro dia, você tinha que estar na sua casa de repouso!*

Analu, mal escutou o que o amigo estava falando, e vê uma movimentação diferente no Museu!

*— Jonas, quem são essas pessoas? O que está acontecendo aqui?*

*— Hoje está havendo um evento científico, é só para adultos e para quem se inscreveu, os cientistas vão apresentar os resultados de suas pesquisas com o material da coleção do Museu!*

*—Ah Jonas, você vai deixar eu dar só uma espiadinha! Não vai?*

—Tá bom Analu você não tem jeito, mas rapidinho e não conta para ninguém!

O evento estava começando! Durante a abertura a diretora do Museu disse estar muito feliz em reunir tantos profissionais com resultados tão valiosos sobre a pré-história de Niterói, e que hoje era um marco muito importante, pois uma reanálise das datações feitas com o material da Região Oceânica reafirmou que as datações mais antigas são mesmo de sete mil anos atrás, e isso coloca a região como uma das mais importantes para o entendimento sobre o modo de vida dos primeiros habitantes do litoral do Brasil. Agradeceu também imensamente a população local e o envolvimento de todos em prol da Região Oceânica!

Todos a aplaudiram de pé, e agora já era hora de os cientistas fazerem suas apresentações.

Os primeiros a falarem seriam diversos arqueólogos com especialidades diversas:

Pedro, um pesquisador arqueólogo, disse que foram feitos vários estudos no material lítico do próprio Museu! Foi dito que a análise identificou alguns daqueles materiais líticos como base para moagem e outros como implementos ativos de moagem. E que os estudos apontaram que os moedores também eram

usados para macerar pigmentos, e que uma função provável para o seu uso eram pinturas corporais, além de serem utilizados para maceração de ervas para temperos e usos medicinais. Ele também chamou atenção para as pontas de lanças ou arpões, que havia indícios de que eram usadas para caça de animais ou para defesa do povoado. Ainda sobre a prática de caça, ele chamou a atenção para lâminas de machados feitas de pedras.

Também foram encontradas cabaças, mas em algumas havia fragmentos de conchas que pareciam ter sido cuidadosamente colocados dentro da cabaça, suspeitam que outras pudessem ter sido usadas como um instrumento musical, provavelmente chocalhos, mas que outras pudessem ter sido usadas para armazenar água mesmo, assim como ocorre nos dias atuais. E um achado surpreendeu a todos: eles encontraram algumas peças talhadas em madeira, ao que tudo indica era um jogo uma brincadeira, e uma delas tinha um desenho parecido com um tubarão! As peças lembravam o jogo usado por comunidades indígenas do Brasil o "Jogo da Onça". Mas eles não sabiam ao certo como se jogar.

Analu abriu aquele sorriso e pensou, *Eu sei!*

Uma outra arqueóloga, anunciada como zooarqueóloga, estudou os restos faunísticos depositados no Museu. Ela disse que conseguiu identificar por meio das conchas encontradas: *Anomalocardia brasiliiana*, conhecida popularmente como berbigão; e *Phacoides pectinata*, conhecida como lambreta. Em relação aos ossos animais encontrados, haviam de diferentes peixes dentre os quais, espécies de *Micropogonias*, a popularmente conhecida corvina, e espécimes de *Caranx hippo*, popularmente chamado de xaréu. Estes foram os encontrados em maiores quantidades, indicando uma abundância destes na região e uma preferência da população por eles. Ela também encontrou vestígios de conchas da espécie *Cymatium parthenopeum* que possivelmente eram utilizadas como iscas para a pesca de peixes. Ela chamou atenção especial para algumas vértebras e dentes de tubarão, e disse que haviam sido intencionalmente esculpidas por mão humana, ao que eles chamaram de adorno, dizendo que muito provavelmente eram colares, que poderiam ser usados no dia a dia ou em momentos especiais.

Logo veio a imagem do ancião na lembrança de Analu. Mas um outro achado que intrigava a

zooarqueóloga, eram o de conchas com marcas, uns risquinhos ou arranhados que pareciam intencionais, e que ela não fazia idéia do que aquilo significava.

Analu, abriu aquele sorriso novamente, o jogo da memória, que vira as crianças brincando.

Um outro pesquisador, cuja especialidade era a antracologia, estudou os restos de carvões, e anunciou ter encontrado nas camadas sedimentares do sítio, remanescentes de fogueiras e conchas de moluscos que estavam queimados pelo fogo, mostrando que eles consumiam alguns frutos do mar cozidos na fogueira.

*Mal sabem eles o quão gostoso eram esses frutos do mar, pensou Analu consigo mesma.*

A cada fala dos Cientistas, ela ficava sem palavras e ainda mais fascinada.

Uma arqueóloga cuja especialidade era a paleopatologia, que investiga lesões em esqueletos, revelou um achado que chegou a emocionar Analu. Ela disse ter examinado quatro esqueletos encontrados no sítio da Região Oceânica, os quatro estavam muito próximos, possivelmente eram um núcleo familiar, era o esqueleto de um adulto e três crianças. Uma lágrima escorreu pelo rosto de Analu, pois não teve como não se lembrar de Raoni, Tainara, Kauane e Toriba. A

paleopatologista ao apresentar o resultado de suas análises disse que no esqueleto do adulto havia várias marcas de esforço, que poderiam ser compatíveis com a remada por exemplo, e outras atividades de pesca que geram muito esforço e podem causar lesões. Anulou se lembrou que seu pai já teve um problema no ombro em decorrência da pescaria, já que ele tinha que remar todos os dias.

Os últimos a falarem foram um paleogeneticista e uma paleoparasitologista. O primeiro disse que acabara de sair os primeiros resultados sobre as análises de DNA feita nos ossos dos sambaqueiros de outro Estado, e que descobriram que eles tinham uma origem ameríndia e alguma relação ainda que não direta com comunidades indígenas atuais, e que isso abriria perspectivas para agora estudarem o material do Museu.

A paleoparasitologista, anunciada como Bianca, disse ter analisado os sedimentos do sambaqui e que encontrou alguns parasitos que são transmitidos por meio das fezes humanas, como os vermes *Ascaris lumbricoides* e *Trichuris trichiura*, e que isso pode ter afetado a saúde dos sambaqueiros. Disse que as próximas análises serão feitas nos ossos, para saber se

eles tinham algum parasito que pudesse estar afetando outros órgãos do corpo, e que ela queria saber se as doenças que hoje ocorrem na população de Niterói da região oceânica já estavam presentes no passado.

Analú se lembrou do desespero de Yara ao ver Kaune colocando os vermes para fora.

A Diretora do Museu anunciou o final das apresentações. Isso gerou uma inquietação em Analú, pois havia ainda tanta coisa que os sambaquieiros faziam e que não foram faladas! Antes que ela terminasse seu pensamento. A Diretora terminou o evento dizendo:

*—Com toda certeza essa é só uma parte do que esse material pode revelar sobre a vida dos sambaquieiros. Pois, temos ainda aquilo que não fica no registro arqueológico, ao que nós chamamos de cultura imaterial.*

Ainda que aquele termo cultura imaterial nunca tivesse sido ouvido por Analú, ela sabia perfeitamente o que ele significava, logo ela pensou nos desenhos que as crianças fizeram na areia e nas histórias e os “modos de fazer” que ela aprendeu com o Ancião, Raoni, Yara, as crianças e tantos outros da aldeia!

Ao final de todas as apresentações, uma luz se acendeu na cabeça de Analu! Grande parte do que ela viveu os cientistas haviam acabado de apresentar! Ou seja, a aventura que ela vivera são histórias reconstruídas por aqueles cientistas! Seu coração se aqueceu e se encheu de alegria:

*—Descobri a profissão que eu quero seguir, eu vou ser uma Cientista, gritou ela bem alto!*

E só então percebeu que ainda estava dentro do Museu e rodeada por pessoas, o rosto dela se avermelhou, ela abaixou a cabeça e ficou um pouco sem graça. Os adultos que ouviram sua fala, sorriram para ela e mesmo com um pouco de vergonha ela foi falar com aqueles cientistas, e para sua surpresa, alguns deles eram da Universidade Federal Fluminense, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, da Fiocruz, e do Museu Nacional ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Analu percebeu que todas eram Instituições próximas de onde ela morava, e o que era sonho poderia se tornar realidade, estudar em uma dessas instituições.

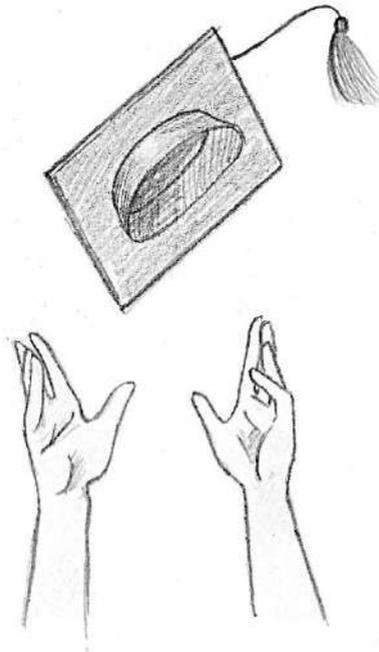
Algo chamou sua atenção, um dos pesquisadores tinha trazido seu filho, e ele era a cara do Kaique, seu

coração deu uma leve disparada, e ela percebeu que ali nasceria uma grande amizade.

Quando voltou para casa, não cabia em si de tanta alegria, e contou para seus pais, todas aquelas profissões, e o que cada cientista tinha descoberto sobre a Região Oceânica, e que no futuro ela também seria uma grande cientista.

## Capítulo 12

### Anos mais tarde



Anos mais tarde, Analu acorda em sua cama e se lembra como se fosse ontem daquele dia que passou junto com os sambaquieiros. Ela nunca contou a ninguém sobre o que aconteceu e sempre se lembra com muito saudosismo e carinho dos seus amigos do passado.

Às vezes se pergunta: *será que tudo isso aconteceu de verdade, ou foi só um sonho?* Mas aquele

era um dia especial, ela iria finalmente se formar em Arqueologia! Aquele era o dia de sua formatura e não via a hora de dar início a sua carreira! Ela pulou da cama e foi se arrumar para o seu grande dia!

Analu estudou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ junto com o Eduardo, filho do pesquisador Pedro, que conheceu naquele dia da visita ao museu. Haviam se conhecido naquele dia tão especial para Analu e acabaram se tornando mais que grandes amigos, agora estavam namorando. Sua fisionomia era idêntica à de Kaique e ambos eram apaixonados pela natureza. Eduardo estava se formando em Ciências Biológicas e sua formatura era no mesmo dia que a de Analu.

Na graduação começaram a fazer parte de vários eventos e atividades relacionadas a proteção ao meio ambiente, e também à divulgação científica. Eduardo se tornou um grande defensor das causas ambientais da região oceânica, que integra o movimento "Lagoa para sempre" e conta com Analu para planejar atividades de educação ambiental e conscientização da população. Ao longo dos anos, haviam desenvolvido diversas atividades com a população da Região oceânica. Com o apoio do Parque Estadual da Serra da

Tiririca, e da Reserva extrativista marinha de Itaipu, realizaram ações de educação ambiental, como plantio de espécies nativas, coleta de lixos nas praias, dentre outras.

A valorização da cultura pesqueira sempre fez parte do cotidiano deles. Analu percebeu que tudo o que conversou com Kaique, Raoni e outros sambaquieiros influenciou tremendamente em sua vida e nas suas escolhas. Ela entendia que aquele povo tinha uma história incrível e queria mostrar isso para todos que pudesse. Uma forma de apoiar a sua comunidade era tentar trazer atividades relacionadas a educação ambiental e a pesca. Seu pai João, a ajudou a se aproximar dos outros pescadores da comunidade e a participar de palestras de Organizações Não Governamentais - ONGs que falam sobre a pesca sustentável. Mas não foi só nisso que os sambaquieiros a influenciaram, toda a sua noção de comunidade e família mudou após a sua aventura. Analu ficou ainda mais próxima de todos os amigos e familiares, ajudando o quanto podia no restaurante da avó Teresa e da mãe Joana, juntamente com seus amigos.

Durante o tempo que estudou na UERJ estagiou no laboratório de Paleoparasitologia, que fica no

Instituto Biomédico, no campus Valonguinho na Universidade Federal Fluminense. Lá, ela participou de um trabalho sobre divulgação científica da pré-história de Niterói. O título de seu trabalho era: "Uma aventura na terra dos "sambaquieiros", os primeiros habitantes de Niterói". Ela e sua professora iam de escola em escola para divulgar a pesquisa feita por elas e vários outros pesquisadores e colaboradores, e faziam diversas atividades e brincadeiras com as crianças. Foi um trabalho incrível, trazendo muitas informações para a população. Durante a sua graduação surgiram muitas oportunidades, uma delas foi uma bolsa de estudos para trabalhar com a divulgação científica e com esse dinheiro pode participar de congressos, em um deles ela pode apresentar o seu trabalho e ganhou um prêmio de melhor apresentação!

Sua professora e todos da Universidade ficaram tão satisfeitos com o trabalho de Analu que lhe propuseram continuar seus estudos rumo a pós-graduação para contribuir com a universidade e com a população. Analu ficou radiante com essa idéia! Sua carreira de cientista só estava começando...

Após a colação de grau foram todos comemorar no restaurante da família. Estava com desejo da

peixada que a sua avó Teresa fazia, o carro-chefe da casa, e que a lembrava daquela peixada inesquecível do festival dos sambaqueiros.

Quando chegou no restaurante, sua avó a abraçou e disse em seu ouvido:

*—Kaique e Raoni devem estar com muito orgulho de você.*

Analú olhou para a sua avó com os olhos arregalados e não acreditou no que ouviu! Sua avó lhe deu uma piscadinha e saiu de perto. E ela logo foi puxada por outros parentes que queriam lhe dar os parabéns pela sua grande conquista e não pode se sentar e conversar com a sua avó.

Depois da colação de grau Analú se sentia cansada, mas eufórica! Já era de noite e se deitou em sua cama... começou a pensar em todas as suas conquistas ao longo do tempo, e agora uma pós-graduação! Ela não via a hora disso tudo se concretizar. Colocou a sua mão no pescoço e segurou forte no pingente que nunca mais tirou, aquele que sua mãe lhe presenteou naquele aniversário de 10 anos. Lembrou de Kaique, Raoni, Tainara, Toriba, Yara... e todos os outros que conheceu naquele dia... lembrou dos ensinamentos e histórias contadas pelo ancião, das

conversas sobre o meio ambiente, preservação, e de todas as aventuras que viveram juntos e se sentiu muito feliz. Ainda estava confusa com o que a avó Teresa falou, e estava certa de que tinha entendido errado! E Analu, sempre ficava em dúvida, se todas aquelas aventuras nas terras dos sambaqueiros foram fantasia da sua cabeça, mas, ela estava com tanto sono e tão cansada, o pingente parecia esquentar em sua mão... os olhos dela começaram a fechar e adormeceu segurando o pingente, que soltou uma fagulha e iluminou todo o seu quarto...

## Esclarecimentos ao leitor

Essa é uma obra de ficção, sem compromissos com eventos que ocorram no mesmo tempo e espaço. Mas foi escrita de forma a estimular o público infanto-juvenil a conhecer a pré-história e história de Niterói, dialogando com questões também importantes para região atualmente, e mostrar o processo investigativo da Ciência. Mas, algumas passagens do livro foram de fato baseadas em achados arqueológicos encontrados na região oceânica de Niterói, ou em outros sítios arqueológicos de pescadores-coletores.

A palavra sambaqui é a junção dos termos tupi *tamba* (conchas) e *ki* (amontoado) significando amontoado de conchas. Sambaqui é um tipo de sítio arqueológico formado principalmente por conchas de moluscos, ossos de gente e de animais, e também pode ser encontrado material lítico e em alguns casos até cerâmico. Todo esse material acumulado junto ao sedimento, acabavam por formar elevações artificiais na paisagem parecidas com montes e montanhas de tamanhos diversos dependendo da região em que se encontram. O povo que construiu os sambaquis é chamado de "sambaquieiro" e mais recentemente

alguns especialistas tem usado a denominação "sambaquiano". Os sambaquieiros eram grupos de pescadores-coletores, e algumas pesquisas recentes apontam que podiam até mesmo cultivar alguns itens alimentares. Ao estudar os sambaquis podemos entender um pouco sobre os vestígios da vida cotidiana daqueles povos antigos e rituais funerários, pois para muitos arqueólogos, era essa a função essencial dos sambaquis. Os sambaquis foram construídos em planícies e encostas, junto a locais com grandes corpos d'água, como lagunas, baías, enseadas e manguezais, ou seja, tanto próximo da água "salgada" quanto de água "doce". No Brasil existem diversos sambaquis, como por exemplo em Santa Catarina, que possui o maior número de sítios arqueológicos desse tipo.

Como os sambaquis foram descobertos? Os arqueólogos são profissionais que estudam os vestígios materiais da presença humana através do registro arqueológico. Esse registro inclui os sítios (como os sambaquis), artefatos, restos de alimentação, dentre outros. Com a arqueologia podemos entender as mudanças, diferenças e similaridades entre diferentes populações humanas, e podemos comparar com as populações de hoje em dia. Também podemos

reconstruir paleo ambientes e modos de vida dessas populações pretéritas ou processos culturais de determinada sociedade ou grupo humano que não se faz mais presente em um determinado espaço.

Aqui no Brasil temos diversos tipos de sítios arqueológicos com registros de populações pretéritas, com diferentes datações, incluindo os sítios arqueológicos de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Na região oceânica de Niterói havia pelo menos sete sítios arqueológicos, entre eles, o Sambaqui de Camboinhas, o Sítio Duna Pequena e o Sítio Duna Grande, restando apenas o último graças à Lei Federal número 3.924/61 que visa a proteção de monumentos arqueológicos e pré-históricos. O sambaqui de Camboinhas foi descoberto em 1978, durante a escavação do sítio da Duna Pequena e, em 1979 foi feito um salvamento arqueológico, cuja parte de seu acervo se encontra no Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI). Dentre os vestígios ósseos humanos que foram datados do Sambaqui Camboinhas, existem aqueles com as datações mais antigas para o Estado do Rio de Janeiro, com cerca de sete mil anos. O sítio Duna Grande, situado sobre uma duna eólica (formada pela ação dos ventos) descoberta em 1962 pela equipe do

Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) é identificado até o momento como "acampamento sobre duna" com uma ocupação esporádica e temporária, onde a população ocupava o local à medida que a areia ia se acumulando e ganhando altura (a duna eólica tem 20m de altura e 100m de extensão, porém o sítio arqueológico ocupa apenas uma parcela dela!). Alguns dos achados recuperados por moradores da região, estão em exposição no MAI, outros guardados nessa mesma Instituição e outros ainda no IAB.

Embora separados no tempo, esses povos tinham sua cultura baseada na coleta e na pesca, e assim, são considerados pela pesquisa os primeiros habitantes de Niterói. Esse livro não se restringe a uma cultura específica, ele é uma homenagem a pré-história de Niterói, portanto usando tanto elementos do sítio Duna Grande, quanto do sambaqui de Camboinhas, ou de outros sambaquis do Brasil. Nele utilizamos vários elementos de ficção, como por exemplo os instrumentos musicais, os jogos, as brincadeiras, contudo, em alguns casos é possível que isso pudesse acontecer ou existisse nesse passado, mas não ficaram no registro arqueológico. Lembrando que a ausência dos vestígios arqueológicos não significa que algo não

tenha ocorrido, bem como as pesquisas arqueológicas no sítio Duna Grande ainda são incipientes, tendo sido retomadas recentemente. Mas, ressaltamos que utilizamos no livro referências sobre vários achados arqueológicos reais, e pesquisas científicas feitas com o material hoje depositado no MAI. Como exemplo, o material lítico polido e lascado (as “pedras polidas e lascadas”) como os polidores, machadinhas e lascas, além de vestígios faunísticos, como algumas das vértebras de peixes (o pingente do colar). Até mesmo o primeiro encontro de Analu com o adulto e as crianças foi baseado em uma das descobertas do sítio Duna Grande, onde foi encontrado um esqueleto adulto associado aos esqueletos de crianças, e ainda daquela realizada no Sambaqui Camboinhas, onde se identificou ossos de golfinho. Também usamos espécies animais, aves, mamíferos, crustáceos, e de plantas que hoje ocorrem na região e que provavelmente ocorriam no passado. Os nomes das personagens e de alguns animais do passado são uma homenagem a linguagem de comunidades indígenas brasileiras com representantes na atualidade, e que possivelmente ocuparam a região posteriormente. Também utilizamos alguns elementos dessas comunidades para ilustrar brincadeiras e jogos.

Quanto aos cenários e locais do livro todos de fato existem, e são pontos que podem ser visitados na região, como o MAI, a Biblioteca Engenho do Mato (BEM), e o próprio sítio Duna Grande, além do Núcleo Náutico do Parque Estadual da Serra da Tiririca, onde através da Associação de Wind surf de Niterói, é possível praticar esportes náuticos enquanto se aprecia a paisagem do canal do Camboatá por exemplo. Próximo dali, existem as rotas dos caminhos de Darwin, que de fato foram locais pelos quais esse naturalista esteve, quando da sua vinda ao Brasil, mas isso é outra história! Venha conhecer a região oceânica de Niterói, um local que vai muito além de suas riquezas naturais!

## Agradecimentos:

Essa obra é fruto de uma parceria com vários colaboradores e instituições que a financiaram ou apoiaram o projeto do qual ela é parte integrante:

FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

PDPA/FEC/UFF/ Prefeitura de Niterói - Programa de Desenvolvimento de Projetos Aplicados/Fundação Euclides da Cunha/Universidade Federal Fluminense/Prefeitura de Niterói "Paleoparasitologia: dos parasitos do passado ao presente, valorizando a pré-história de Niterói, divulgando a Ciência nas escolas e capacitando professores".

MAI - Museu de Arqueologia de Itaipu

BEM-Biblioteca Engenho do Mato

PUD - Plataforma Urbana Digital de Niterói

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz

UFF - Universidade Federal Fluminense

---

### *Patrocinadores*

